



XVI congresso interno de iniciação científica

Ginásio Multidisciplinar da Unicamp
24 a 25 de setembro de 2008



H0778

MULHER DE MALANDRO? O COTIDIANO DAS TIAS BAIANAS NO RIO DA BELLE ÉPOQUE

Clariana Lucas (Bolsista SAE/UNICAMP) e Prof. Dr. Sidney Chalhoub (Orientador), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH, UNICAMP

Esta pesquisa se insere na inclinação atual da história de recuperar as vivências de grupos que foram sistematicamente excluídos de sua escrita. Buscamos nos acercar as condições em que viveram as chamadas tias baianas no Rio de Janeiro da *belle époque*. A pobreza era um terrível inconveniente para o desejo de civilizar-se da –alta- sociedade carioca, e a Primeira República foi palco de intensa e crescente vigilância policial. O papel de liderança atribuído às tias baianas na comunidade da “Pequena África”, local em que teria surgido o samba a partir de fins do XIX, chamou-nos a atenção por ser o período da Primeira República o do racismo científico, bem como o da valorização e imposição dos valores morais burgueses. Como teria sido possível a mulheres negras adquirirem o status e o destaque que parecem ter tido? Para aventar uma hipótese consultei fontes diversas como jornais, crônicas, processo e letras de música na tentativa de detectar os valores comungados pelos habitantes da Pequena África, supostamente um reduto de baianos. A influência dessas mulheres está ligada à liderança religiosa que exerceram, formando laços com pessoas de diferentes classes. A atuação no comércio ambulante parece também ter sido essencial na fabricação de sua existência bem como de seus filhos famosos, como Heitor dos Prazeres, João da Bahiana e Donga.

Tia baiana - Pequena África - Comércio ambulante